This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 120 053 231
STANFORD LIBRARIES

Wiese, Carl

Memorandum ácerca das expedições realisadas na Zambesia septentrional durante os annos de 1885 á 1891.

DT
465
Z2W65

Stockton, Calif.

MEMORANDUM

ÁCERCA DAS EXPEDIÇÕES REALISADAS

NA

ZAMBEZIA SEPTENTRIONAL

DURANTE OS

ANNOS DE 1885 A 1891

POR

CARL WIESE

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

MEMORANDUM

ACERCA DAS EXPEDIÇÕES MILITARES

NA

ZAMBEZIA SEPTENTRIONAL

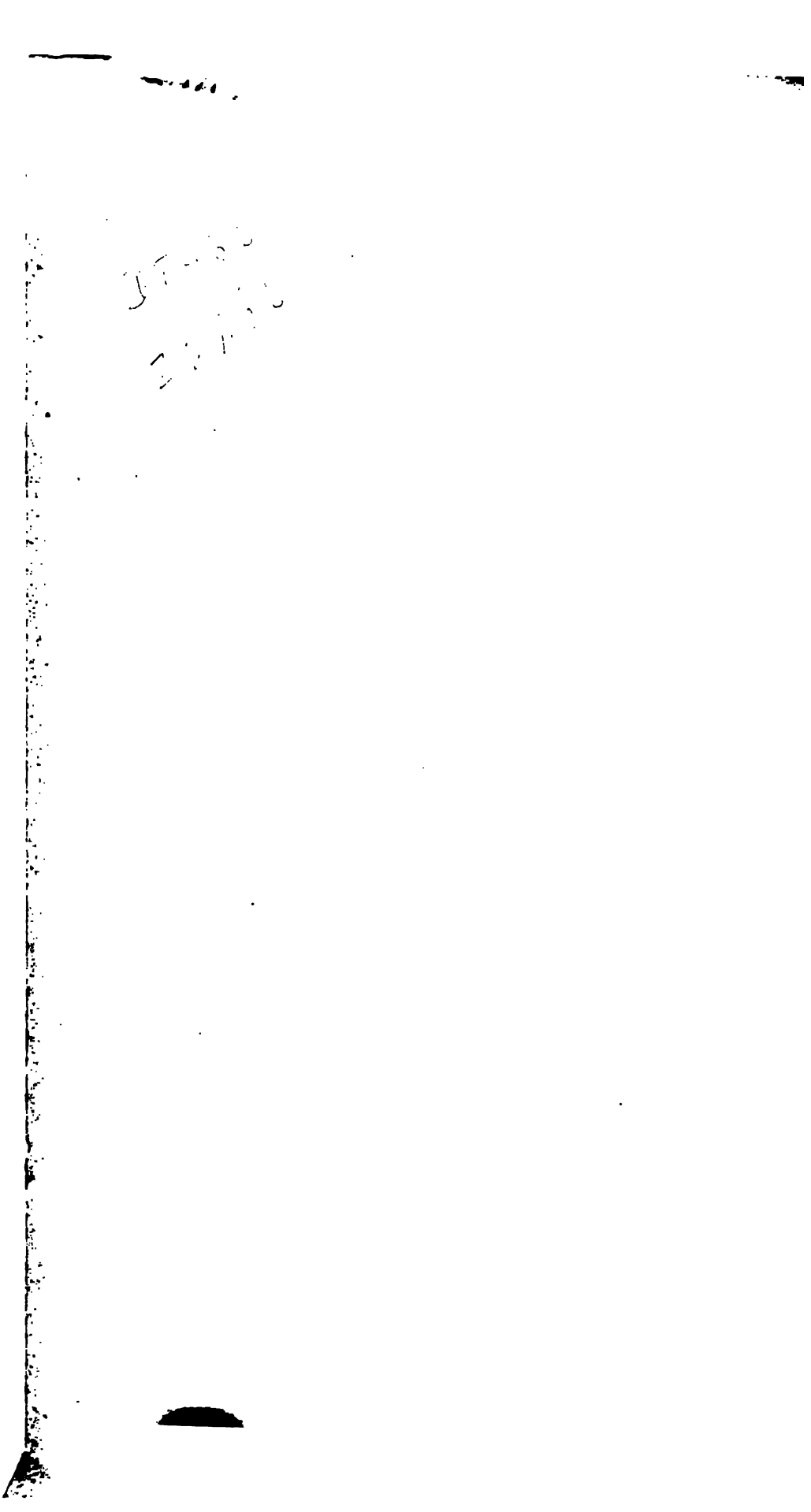
DURANTE OS

ANNOS DE 1888 A 1891

POR

CARL WIESE

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891



MEMORANDUM

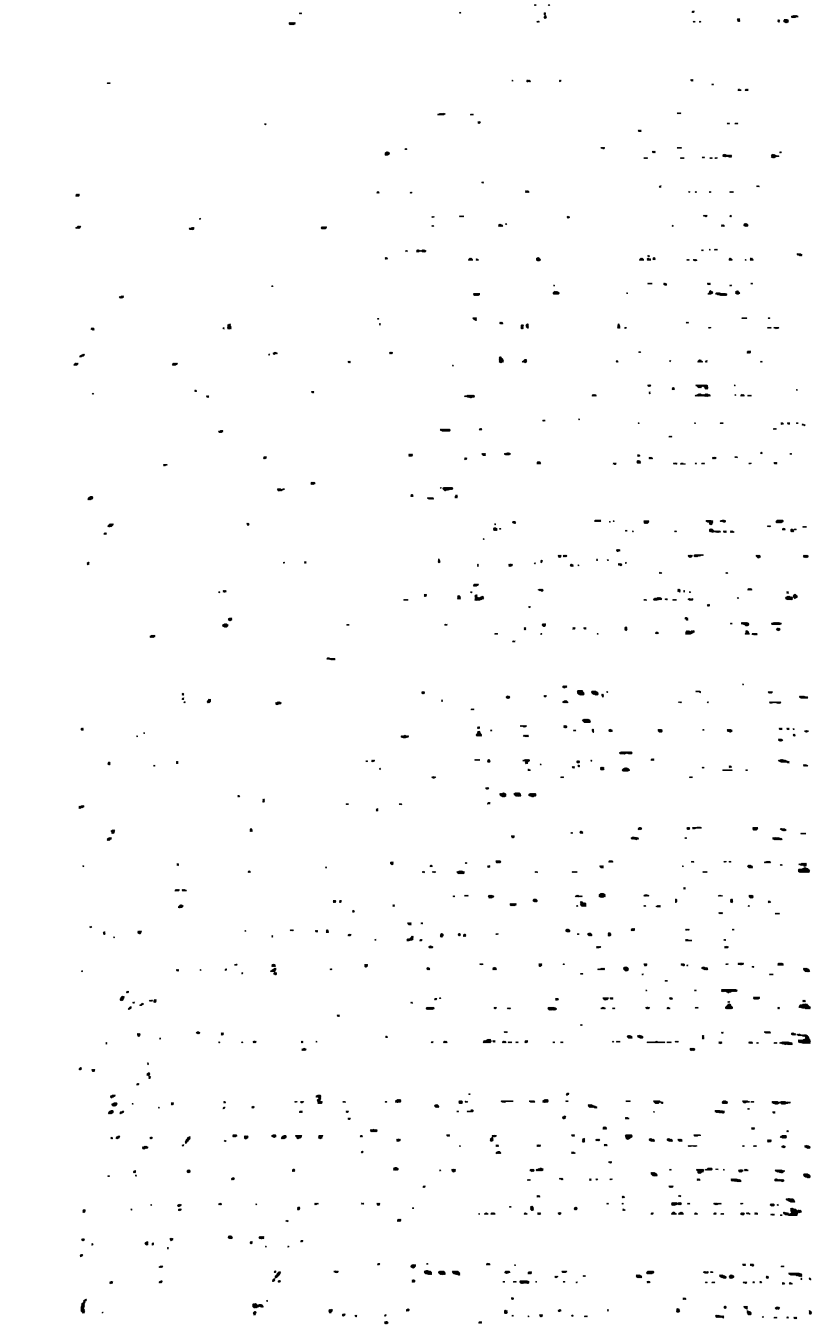
O negocio do marfim corria bastante mal, em Tete, durante o anno de 1885; as caravanas do sertão não affluiam, e as transacções estavam quasi paralysadas; por isso resolvi partir para o interior, a fim de adquirir aquella mercadoria tão perto quanto me fosse possivel do seu logar de producção.

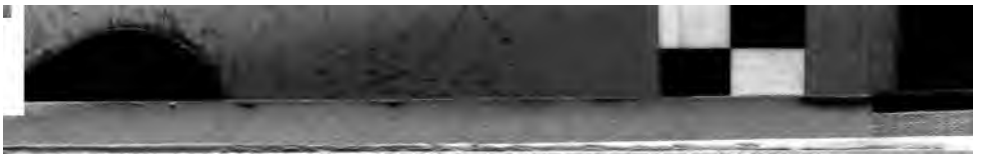
Em principios de março organisei uma expedição composta de 300 indigenas, caçadores de elephantes, e parti em direcção de Cachombe, transpuz o Zambeze em Chabonga, e, depois de dezoito dias de marcha, cheguei á aldeia de Chirupe, na terra dos Sengas, a um dia de distancia de Aroangoa Grande, onde me estabeleci e fortifiquei no intuito de enviar d'ali os meus caçadores em procura do marfim, ficando ao abrigo de quaesquer ataques dos indigenas.

Andava eu pouco satisfeito com os resultados da caça, quando os meus caçadores encontraram no mato uma expedição guerreira do grande regulo Mpesene, o que me offereceu favoravel ensejo para eu enviar a este potentado um pequeno presente, pedindo-lhe licença para caçar nos seus territorios, onde n'esse tempo ainda havia uma grande quantidade de elephantes.

Dois mezes depois via satisfeito o meu desejo, pois recebia a visita de uma grande embaixada do Mpesene, tendo á sua frente o ministro da guerra Cassamba Moropa, e um dos filhos do potentado por nome Madzi Mauvi, que vinham convidar-me para me ir estabelecer definitivamente nos seus estados.

Deixei o estabelecimento de Chirupe a cargo de um dos





Atravessámos finalmente o Zambeze, junto á povoação de Chacanga, a dois dias de viagem para montante das cataractas de Caborabassa.

Para não descurar os intuitos politicos da minha missão, procurei logo avistar-me com o poderoso Chanquaniquire, regulo da Maravia de oeste, territorio onde abundam as minas de oiro, de prata e de estanho, banhado pelo Zambeze, entre os rios Boosi e Luya que o limitam a oeste e leste, estendendo-se para o norte até aos montes Mefingue. Em 10 de junho de 1888 firmava-se o tratado que restabelecia a soberania portugueza na parte meridional da Maravia, de que os antigos escriptores tanto se occuparam e cuja interessantissima descripção se póde ler no livro de Gamito e Monteiro, *O Muata Cazembe*.

Aproveitámos tambem a occasião para visitar o chefe Chincoco, feudatario do Chanquaniquire, avisal-o da submissão do seu suzerano, e obter a sua annuencia e promessa de inteira obediencia e lealdade para com o governo portuguez. Esta submissão pessoal do Chincoco tinha para nós maior importancia por ser este vassallo do Chanquaniquire indigitado como successor do regulo do Unde, isto é, futuro soberano da Maravia oriental.

Firmadas as nossas excellentes relações com o Chincoco, partimos para o norte em direcção á aringa do Catumba, tributario já do Mpesene, comquanto as suas terras façam parte da Maravia oriental, e paguem tambem imposto a Unde.

D'elle alcançámos que promettesse deixar caçar nos seus territorios os subditos portuguezes, sem lhes pôr impedimento nem mesmo lhes exigir o *dente da terra;* obrigando-se mais o potentado a proteger e auxiliar, quanto fosse necessario, os nossos correios que atravessassem os seus dominios no transito entre Tete e os estados do Mpesene.

Catumba tem a sua capital no cume de uma elevada e quasi inaccessivel montanha, Chingilisia, que domina toda a vasta e fertil planicie circumvizinha; é ponto de superior importancia estrategica, e certamente um dos primeiros a occupar para quem pretenda ter segura posse dos valiosos territorios que se estendem até aos confins dos estados de Mpesene.

Em 14 de julho de 1888 entravamos em Matengulene, capital do Mpesene, e fazíamos fluctuar ali, pela primeira vez

Enormes rebanhos de gado, vastos milharaes de excellentes qualidades, abundantissimo leite e optima manteiga, asseguravam á expedição uma facil e variada alimentação, que raras vezes será possivel igualar em terras africanas muito mais civilisadas.

Um clima admiravel, vastissimas planicies limitadas por elevadas montanhas, aguas abundantes, frescas e purissimas, pastagens que dispensam toda a cultura, e que asseguram a faculdade de alimentar innumeros rebanhos, tudo contribue para tornar o paiz do Mpesene extremamente apto para a colonisação europêa, que desde logo encontraria nos indigenas o auxilio indispensavel e uma intelligente collaboração.

A raça zulu, pura aqui de toda a mescla, é certamente a mais elevada e nobre das que se encontram na Africa meridional; selvagem, é ella de certo, cruel por vezes, como todas as raças guerreiras; mas nobre tambem como todas as raças que têem a consciencia da propria superioridade.

É certamente com os grandes centros de população que offerecem os zulus de Mpesene, e com os recursos que elles crearam, com os seus gados e variadas provisões, que deveremos contar para repovoar e explorar os vastos territorios que se estendem para o sul quasi até ao Zambeze; o antigo paiz Marave, cuja riqueza foi tão celebrada outr'ora hoje devastado pelas incursões dos zulus a que a civilisação europêa não tentára nunca pôr um dique, e cuja energia, prejudicial quando abandonados ás impulsões dos seus instinctos selvagens, póde ser tão util desde que os dirija superiormente a influencia europêa que elles acceitam e acolhem com tão favoraveis disposições.

Em fins de outubro de 1889 partia a expedição do meu commando para explorar as terras do Missale, tão celebradas pelas suas antigas minas, e que desde tanto tempo não haviam sido visitadas pelos portuguezes.

É certo que o sr. coronel Paiva de Andrada tentára visital-as ha alguns annos, porém não o conseguira por causa da opposição que encontrou nos landins do Mpesene, os mesmos que agora nos acompanhavam e auxiliavam.

A primeira difficuldade que se me apresentava era a incerteza do logar occupado pelas antigas minas, por isso que as

povoações, arrasadas pelos zulus, tinham desapparecido, e crescêra sobre ellas uma densa mata.

Alguns dos meus caçadores, porém, guiados por indicação que eu alcançára dos landins, ácerca da existencia de poços e de ali ter havido brancos, lograram descobrir signaes indiscutiveis da lavra das minas, encontrando mesmo fragmentos de varias ferramentas e vestigios de grandes e importantes povoações.

O terreno está completamente abandonado, não existe lá nenhuma especie de cultura, nem gados, nem outros quaesquer meios de subsistencia, alem dos que nos offerecia a caça; por isso apenas nos demorámos tres dias, para reconhecer a situação das antigas minas, e verificar a existencia do oiro, que obtivemos sempre, mesmo com os nossos grosseirissimos processos de lavagem.

Verificámos serem muito boas as condições locaes, pois o clima é sensivelmente o mesmo de Matengulene; não haverá, portanto, difficuldades para a colonisação europêa, que em breve poderá desenvolver variadas culturas.

Os landins indicaram-nos ainda muitos outros logares onde havia oiro, e entre elles uma serra, Chifumbazi, ao sul do Missale e no caminho do Mano, onde o precioso metal se encontra no pincaro de uma elevada montanha; mas a falta de mantimentos obrigou-nos a retroceder sem a visitar.

Pensando na futura exploração d'aquelles territorios procurava eu um caminho de facil percurso por onde se abrisse communicação para as minas, quando vim a saber pelos landins que o rio Bua era navegavel no tempo das chuvas, indo por elle as almandias até ao Nyassa; julguei portanto conveniente verificar a exactidão d'aquella noticia, e parti na direcção do rio.

Percorridos cerca de 30 kilometros, chegámos á margem do Bua, perto da serra Mechinge, isto é, perto da sua origem, e seguimos rio abaixo ao longo da margem esquerda, mandando fazer repetidas sondagens, que nos davam sempre altura de agua superior á de um homem, durante dia e meio de viagem, até chegar á aldeia do Mambo de Chôoco, tributario de Mpesene. Do proprio Mambo soubemos que o rio era facilmente navegavel, o que eu mesmo tive occasião de verificar mais uma vez atravessando-o uns 80 kilometros a jusante.

No regresso a Mpesene aproveitámos ainda a occasião para visitar a residencia de Mocanda, antigo senhor de todas aquellas terras, que fôra desapossado d'ellas pelos zulus, e hoje se encontra sob a protecção do Muassa.

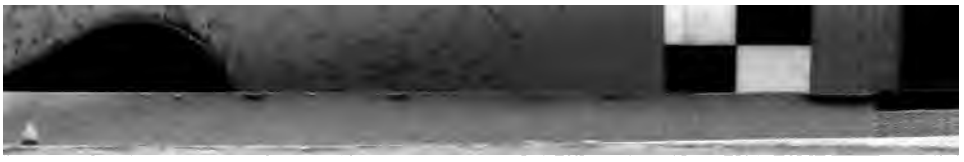
Julgando conveniente conhecer exactamente os cursos dos rios Lutembue, Lucusi e Sandire, por estarem erradamente traçados nas diversas cartas que eu possuia, parti em principio de fevereiro de 1890 para os ir explorar, aproveitando o ensejo para entrar em relações com o chefe marave Mpanda, tributario de Mpesene. Consegui fixar exactamente o curso d'aquelles rios, verificando ser o Lutembue affluente do Sandire, e este do Aroangoa, bem como o Lucusi (Lukushi das cartas inglezas).

Perfeitamente acolhido por Mpanda, deixei-lhe, a seu pedido, alguns caçadores, obtendo a promessa de que para o futuro não exigiria o «dente da terra».

Já ao tempo da nossa viagem ao Missale, escasseavam os recursos da expedição, e mal tinhamos com que alimentar-nos; ao regressar, porém, de Mpanda, a situação tornava-se insustentavel, e era preciso angariar novos fornecimentos com que podessemos comprar mantimentos. Por vezes tinhamos instado para que nos soccorressem, mas o auxilio pedido era-nos constantemente recusado, com o fundamento de não haver auctorisação do governo geral para nol-o enviar; por isso vi-me obrigado a partir para Tete.

Ao despedir-me de Mpesene, resolveu o regulo enviar uma embaixada ao governador de Tete para o comprimentar. Não foi esta a unica prova de consideração que recebemos; os quatro filhos de Mpesene mandaram-me cada um d'elles um boi para o caminho, e de outros amigos poderosos recebi presentes de cabras e ovelhas.

Chegado a Tete em 11 de março de 1890, tive o desgosto de me serem recusados, pelo governador do districto, todos os recursos, que eu pedia para a continuação dos trabalhos da expedição; escrevi logo ao governador geral, então o sr. conselheiro Neves Ferreira, mas, sem esperar a resposta de s.ª ex.ª, resolvi partir novamente para o Mpesene, levando para o reabastecimento da expedição uma factura de mercadorias comprada á minha custa.



ataques traiçoeiros que lhes tinham dirigido; chegavamos pois a tempo para salvar os restantes e attender ao seu desejo de que os fizessemos passar para o territorio de Muassa.

Como não tinha consideraveis forças á minha disposição, julguei arriscado intentar uma guerra, cujo resultado seria mais que problematico, e regressei a Muassa, levando commigo toda a colonia portugueza, umas 150 pessoas, contando mulheres e creanças.

Foi por occasião d'esta minha segunda visita que ultimei com aquelle chefe o tratado de 10 de junho, em que o Muassa, na presença de todos os seus grandes e parentes, reconhece o protectorado portuguez e arvora a bandeira portugueza, resolvendo tambem mandar uma embaixada a Tete, a fim de confirmar ali, perante as auctoridades locaes, a sua obediencia e fidelidade.

No intuito de acompanhar esta embaixada, e uma grande remessa de marfim que o Muassa envia para ser vendido em Tete, dispuz-me a partir para o Mpesene com 400 subditos do Muassa.

Surgiram, porém, graves difficuldades por parte do Mpesene, que não queria deixar passar a gente do Muassa; vencida, porém, a reluctancia d'aquelle, parti no fim do mez de julho para Tete, onde aproveitei a occasião para fazer ratificar o tratado com o Muassa.

Ainda antes de chegar á capital do districto recebêra eu uma carta do governador geral Neves Ferreira, na qual s. ex.ª se mostrava muito satisfeito com o resultado da expedição, e me avisava de ter dado ordem para que fossem postos os necessarios recursos á minha disposição.

Foi por esta occasião da minha estada em Tete que me encontrei com os srs. Rankins e Bowler, agentes da *British Central Africa Co.*, que me propozeram entrar ao serviço d'aquella sociedade, e offereceram comprar-me as concessões que Mpesene havia feito.

Comquanto eu recusasse aquelles offerecimentos, serviram-me elles para eu ter conhecimento das formulas de concessões que os agentes da companhia andavam procurando alcançar dos regulos indigenas, e poder assim contrapor aos documentos que elles invocassem outros de igual teor.

Resolvido a voltar para os territorios da Maravia e Mpesene,

tanto mais lisonjeiro quanto a expedição ingleza dirigida por Thomson, por conta da companhia *South Africa*, tivera de retirar sem ter obtido em todos aquelles territorios uma só concessão, pois o unico documento que obteve foi firmado por um chefe local, que, vassallo de Chipore, não tinha auctoridade para fazer concessões sem auctorisação de seu suzerano. Por toda a parte nos declararam unanimemente os chefes, os grandes e os povos, que sempre tinham sido portuguezes e não reconheciam outra auctoridade que não fosse a do governo portuguez.

Nos documentos annexos ao relatorio da expedição se póde ver o teor dos convenios que obtive.

Quiz tambem verificar a navigabilidade do Aroangoa Grande, para o que desci o seu curso desde a aringa de Chipore até á povoação de Chamboméla, n'uma extensão de 70 kilometros, achando sempre uma profundidade de agua de 2 a 4 metros; mas soube que era navegavel muito mais para montante, pois encontrei duas embarcações de caçadores do Zumbo, que desciam da embocadura do Locusi. Podemos pois contar com a completa navigabilidade do grande rio, para lanchas de pouco calado de agua, até ao Locusi, por isso que os rapidos que ficam perto da embocadura do Lussemfoa têem sido já transpostos, mesmo na estação secca.

Estavam terminados os trabalhos que eu podia realisar nas condições em que o tratado de 20 de agosto collocára a expedição; resolvi pois voltar ao Mpesene para me despedir d'aquelle chefe, assegurando-o do meu futuro regresso ás suas terras, e retirei para Tete acompanhado pelo sr. tenente Solla.

Deixei, porém, os meus caçadores nas terras do chefe zulo, sob o commando de um dos seus capitães; e o estabelecimento ficou sem alteração, confiado á guarda do regulo, que durante tantos annos me tem dado constantes provas da sua inalteravel fidelidade.

Procurarei agora resumir em breves palavras a enumeração dos resultados praticos alcançados, tanto por mim, antes de me ser confiada a missão official com que o governador geral de Moçambique me honrou, como pela propria expedição de que eu fui chefe.

1.º Tornaram-se conhecidos vastissimos terrenos que eram completamente ignorados e nem mesmo se achavam representados nas cartas mais modernas; taes são os que marginam o Aroangoa entre a embocadura do Lucusi (por 12º,40′ de latitude sul) e as proximidades da foz do Lussemfoa (perto de 15º de latitude sul), e para alem a noroeste até aos montes Muchinga.

Áquem do Aroangoa estenderam-se as explorações para norte e nordeste até ao monte Casengo, terras do Muassa, por 13º latitude sul, e já na vertente do Nyassa.

Póde dizer-se que nos terrenos limitados pelo Aroangoa, o parallelo de 12º,30′, e a linha divisoria que separa as aguas do Nyassa e Chire das do Zambeze, apenas a expedição deixou de visitar a Macanga e alguns dos terrenos marginaes d'este ultimo rio, que, por serem prazos da corôa demasiadamente conhecidos, não exigiam nova exploração.

2.º N'esta vastissima extensão de territorio reconheceram e acceitaram a influencia portugueza todos os grandes chefes; quer sejam zulus, como Mpesene; maraves, como Muassa, Chanquaniquire e Undi; sengas, como Chirupe, Lundo, Sopa e Massengo; ocundas, como Sandué e Marrama; uizas, como Chipore, Pandica, Iumba e Cacumbe; e vambomgumias, como Saïd-Nicndûa e Chamboméla. Numerosos documentos, tratados de soberania, ou simples contratos de concessão, attestam a natureza das relações estabelecidas; d'elles foram em tempo opportuno enviadas copias ao governador de Moçambique e de certo tambem ao ministerio da marinha e ultramar.

3.º Nem só esses documentos attestam a influencia e prestigio que o nome portuguez adquiriu recentemente na Zambezia septentrional; podem servir-lhe de contraprova numerosas cartas que recebi e conservo em meu poder, com valiosos offerecimentos, para o caso em que eu quizesse usar da influencia adquirida sobre os regulos em beneficio, quer da *African Lakes Company*, hoje absorvida pela *South Africa*, quer de uma empreza rival, embora da mesma nacionalidade, a *Central African Company*.

4.º Lograram os trabalhos da expedição evitar que diversas expedições inglezas, dirigidas por Alfred Sharpe e Thomson, conseguissem attrahir aos seus interesses tanto o chefe zulu

Mpesene, como o marave Muassa; pois tanto um como o outro provaram reconhecer o dominio portuguez, fazendo tratados e enviando embaixadas a Tete. O mesmo succedeu nas margens do Aroangoa.

Era tão evidente o prestigio portuguez n'aquellas regiões que os mais insuspeitos testemunhos o attestam, do que tenho em meu poder documentos inequivocos.

5.º Talvez ainda não fosse impossivel alcançar do governo britannico uma rectificação de fronteiras ao norte do Zambeze, de modo que ficassem para Portugal os territorios onde esta nação exerce tanta influencia, e onde só com gravissimas difficuldades poderá estabelecer-se a companhia cujos interesses a Inglaterra protege. Seria este mais um resultado altamente proficuo da expedição que dirigi, e não duvido de que elle podesse alcançar-se agora, que já se conhecem na Europa as circumstancias em que se encontra a Zambezia septentrional.

6.º Não deixou tambem a expedição de ter consequencias politicas immediatas, pois conseguiu que o Mpesene cessasse as suas incursões continuadas no paiz Marave, e alcançou d'aquelle, como dos outros chefes, a formal promessa de que protegeriam os subditos portuguezes, que, só nas terras do Mpesene, attingem um numero superior a 2:000.

7.º No terreno commercial obteve a expedição que algumas caravanas arabes viessem vender o seu marfim a Tete (talvez no valor de 18:000$000 réis até á minha partida), em vez de atravessarem o lago Nyassa e o irem levar a Zanzibar; e não será difficil continuar a dirigil-as por aquelle novo caminho, se for possivel conserval-o aberto, e sobretudo se se melhorarem as communicações, como se prova pelo facto de ter já vindo uma caravana, sem ser acompanhada, depois que eu deixei o Mpesene.

8.º Foram novamente descobertas e visitadas as antigas minas de oiro do Missale; obtiveram-se tambem noticias das do Mano, e conseguiu-se por este modo verificar quanto são ainda valiosos os terrenos, que foram tão largamente explorados n'outras eras. Perto do Chincoco encontrou a expedição outras minas de oiro, como tambem teve noticias das de Chindundo, ao sul do Mano. D'entre estas registei nove no governo de Tete,

em meu nome, ha mais de um anno porém, não me consta que fossem até hoje estabelecidos os campos de lavra respectivos. De outros metaes, de que trago amostras, tambem a expedição reconheceu existirem abundantes minas, taes são: estanho e zinco, perto do Zambeze; rubis, na terra dos sengas; e prata, tambem junto ao Zambeze; e finalmente mais uma vez viu confirmada a existencia do carvão em larguissimos tractos do terreno percorrido.

9.º Pelo que respeita aos resultados scientificos da expedição que dirigi, mencionarei em primeiro logar a carta dos territorios explorados, cujos elementos colligi e apenas esperam ordens do governo para serem aproveitados.

Sobre a historia, a lingua e os costumes dos differentes povos com quem a expedição esteve em contacto, encontram-se no seu diario numerosissimas informações, que eu procurarei reunir n'uma publicação especial logo que tiver para isso a necessaria auctorisação.

Terminarei esta curta memoria transcrevendo para aqui as palavras com que fechei a decima quinta e ultima parte do meu relatorio official; assim confirmo hoje, tendo regressado á Europa, o que escrevia ao chegar a Tete, na volta da minha ultima visita ao Mpesene:

«Ao terminar o honroso serviço que foi commettido a esta expedição, eu creio que ella, no limitado campo que lhe permittiam as suas forças, cumpriu o seu dever, esforçando-se sempre em tornar respeitada a nação que representava, e em fazer desejar as suas boas relações e o seu protectorado.

«Posso asseverar, em minha consciencia, que entre o grande Aroangoa e o Luya, uma parte do Zambeze e o parallelo de 12º latitude sul tinhamos, ao retirar, deixado a influencia portugueza estabelecida de uma tal maneira, que, se uma outra qualquer nação a quizer supplantar e estabelecer a sua, só tardiamente o conseguirá e á custa de enormes sacrificios de todo o genero.

«A expedição, porém, attingiu o seu fim não obstante os entraves, as difficuldades e a opposição que, partindo já de particulares, já mesmo de auctoridades, pareciam a cada momento embargar-lhe o passo. A minha propria qualidade de estran-

geiro assustava a muitos, e vibravam esses sobre mim todos os ataques que se lhes suggeriam.

«Perdôo-lhes, porque, se lhes não faltasse instrucção, e os mais rudimentares conhecimentos da historia patria, teriam encontrado exemplos nos tempos mais gloriosos de Portugal, em que estrangeiros se achavam ao seu serviço, e eram altamente considerados. Citarei antes de todos um allemão como eu, Martim Behaim, o companheiro de Diogo Cão.

«No proprio exercito não é desconhecido o nome do conde de Schomberg, que se batia nas suas fileiras pela liberdade de Portugal. E, se me quizesse entregar agora a mais investigações, estou certo de que poderia mencionar nomes de outros compatriotas meus que exerceram elevados cargos nas colonias portuguezas ao tempo da sua maior florescencia.

«É com a maior magua que eu vejo perdidos todos os trabalhos, todo o zêlo e dedicação com que esta expedição se houve para assegurar a Portugal a posse de uma tão rica e vasta região. Mas talvez ainda, se as indicações urgentes que tenho feito ultimamente e que me devem ter precedido, chegarem a tempo de em Portugal se poder insistir pela posse d'essas terras, a Inglaterra esteja hoje mais disposta a cedel-as, em vista das lições praticas que tem tido ensejo de ir ali aprender.

«No caso de Portugal conseguir tão favoravel desenlace para as suas pretensões justissimas, ha ainda a vencer o mais importante — a falta do capital.

«Exhausta de dinheiro como hoje se acha a nação pelos enormes sacrificios a que tem sido forçada, ver-se-ha de futuro na impossibilidade de dar ás colonias o impulso exigido pelo rapido caminhar da civilisação. A sua posição será difficil, vendo-as ameaçadas de ficar estacionarias, ao passo que as colonias vizinhas progridem, e expostas assim a novos perigos.

«Na minha humilissima opinião, só vejo um meio de conjurar o perigo. É fazer o que fazem os inglezes hoje em Africa, e o que têem feito n'outras partes em identicas circumstancias: crear o capital preciso, sem onerar os cofres do estado, por intermedio de poderosas companhias á similhança da *East Indian Company*. É só d'essa fórma que Portugal poderá dar á provincia de Moçambique o colossal impulso de que ella agora ca-

HOOVER INSTITUTION

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below

15M-7-69-24525

FOR USE IN
LIBRARY ONLY